

Revista de Literatura,  
História e Memória

Dossiê Confluências entre  
literatura, cultura e outros  
campos do saber

ISSN 1809-5313

VOL. 9 - Nº 14 - 2013

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 55-69

## O ESTILO DE JOÃO UBALDO RIBEIRO EM *VIVA O POVO BRASILEIRO E AN INVINCIBLE MEMORY*

CAMARGO, Diva Cardoso de  
(UNIOESTE/Cascavel, UNESP/S. J. Rio Preto)<sup>1</sup>

**RESUMO GERAL:** O estudo tem por objetivo analisar o estilo de João Ubaldo Ribeiro enquanto autor e enquanto tradutor de si mesmo no par de obras *Viva o Povo Brasileiro* e *An Invincible Memory*. No romance, destaca-se a forte presença da cultura popular, com manifestações das religiões afro-brasileiras, festas, costumes, lendas, bem como expressões variadas, fragmentos de “língua de preto” notados por Pasta Júnior (2002). Na tradução, Ubaldo Ribeiro recria a própria ficção sobre a história moral do sofrido povo brasileiro, traduzindo para a língua inglesa e para leitores com sensibilidades e vivência cultural distintas. Para a análise de elementos culturais, a pesquisa apoia-se na abordagem interdisciplinar proposta por Camargo (2005, 2007) envolvendo os estudos de tradução baseados em corpus (Baker, 1996, 2000), e os trabalhos sobre domínios culturais (Nida, 1945; Aubert, 2006). Os resultados obtidos revelaram que a maioria dos elementos culturais mostra-se inserida nos domínios das culturas material, social, e ideológica, o que espelha o contexto da obra. Também foi possível observar traços de normalização que indicam o uso de estratégias, de modo consciente ou inconsciente, por parte do auto-tradutor, para conferir fluência ao texto traduzido e facilitar a leitura e compreensão de elementos culturais para o público alvo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução literária; Estilo do auto-tradutor; Literatura brasileira traduzida; Estudos da tradução baseados em corpus; João Ubaldo Ribeiro

**ABSTRACT:** *This paper aims at observing a particular case of an author's and self-translator's style in the pair of works *Viva o Povo Brasileiro* and *An Invincible Memory*. Our investigation has its theoretical starting point based on *Corpus-Based Translation Studies* (Baker, 1993, 1995, 1996, 2000; Camargo, 2005, 2007), and works on cultural domains (Nida, 1945; Aubert, 1981, 2006). The results showed that great part of cultural marks may be classified as the material, social, and ideological cultural domains, which reflects the context of the source text. It was also possible to observe that normalization features tends to reveal conscious or unconscious use of fluency strategies by the self-translator, making the translated text easier to read.*

**KEYWORDS:** Literary translation, Self-translator's style, Translated contemporary Brazilian Literature, Corpus-Based Translation Studies, João Ubaldo Ribeiro

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, alguns teóricos da tradução têm enfatizado a presença do tradutor; no entanto, não apresentam nenhuma demonstração dos traços efetivamente deixados nos textos traduzidos (TTs). Venuti (1995, 1998) recrimina a transparência como efeito ilusionístico da presença do autor que seria [supostamente] alcançada pelas estratégias da tradução “domesticadora” e advoga a visibilidade do tradutor por meio de estratégias de resistência da tradução “estrangeirizadora”, mas sem explicitar quais seriam as marcas de uma “fidelidade abusiva”. De modo análogo, Hermans (1996) claramente reconhece a voz do tradutor; porém, focaliza principalmente a “voz do outro” no que tange ao emprego auto-referencial de primeira pessoa nas notas do tradutor.

No que concerne à sua presença e à noção de estilo, poderíamos incluir a escolha da parte de cada tradutor de material a ser traduzido, a utilização consistente de estratégias tradutórias e, sobretudo, o modo de expressão que é típico de um dado tradutor (mais do que simplesmente instâncias de intervenção aberta de material extratextual). Nesse sentido, os estudos da tradução baseados em corpus têm trazido importantes contribuições para a teoria e prática tradutórias ao procurar descrever o que o tradutor realmente faz com a língua de chegada (LC).

Em termos de relevância para a crítica literária, a obra original recebeu o “Prêmio Jabuti” e “Golfinho de Ouro” na categoria de melhor “Romance”. João Ubaldo Ribeiro faz “uma experimentação de estilos e vozes narrativas que marca todo o desenvolvimento do tempo e da ação ficcional neste tipo de *mock-heroic epic* que é *Viva o Povo Brasileiro*” (VPB) (COSTA, 1996: 185). A obra aborda o problema da decantada procura de uma identidade nacional, e revisita o Brasil em três épocas: o século XVII com a colonização, o século XIX com o mito das narrativas de fundação, e o século XX com as ditaduras. No romance, destaca-se a forte presença da cultura popular, com manifestações das religiões afro-brasileiras, festas, costumes, lendas, bem como expressões populares variadas, fragmentos de “língua de preto” (PASTA JÚNIOR, 2002). A respeito da sua escrita, João Ubaldo comenta:

Procuo, basicamente, fazer uma literatura vinculada às minhas raízes, independente, não colonizada, comprometida com a afirmação da identidade brasileira. Procuo explorar a língua brasileira, o verbo brasileiro e, através dele, contribuir para o aguçamento da consciência de nós mesmos, brasileiros. Sou contra as belas letras, a contrafação, o elitismo. Acho que o principal problema do escritor brasileiro é a busca da nossa linguagem, do nosso fabulário, dos nossos valores próprios. (UBALDO RIBEIRO, 1979, contra-capá de *Vila Real*)

No tocante a *An Invincible Memory (IM)*, um dos pesquisadores da UFba, que investigou o caso deste “tradutor de si mesmo”, comenta que João Ubaldo Ribeiro:

levou mais tempo para traduzir do que escrever *Viva o Povo Brasileiro*, não fazendo segredo de que não tem gosto especial pela tradução, nem deseja voltar a traduzir suas próprias obras. [...] Pode-se imaginar a sensação de perda do autor, em sua condição de tradutor de seu próprio texto, ao sentir-se impossibilitado de expressar na língua 2 a pujança, o frescor e a vitalidade da concepção original. (COSTA, 1996: 183-4)

Também enfatiza Costa que, “a despeito de seu extraordinário talento para línguas estrangeiras”, João Ubaldo Ribeiro é um escritor brasileiro, e sua obra traduzida *An Invincible Memory* “é o produto da ação consciente de um tradutor” (COSTA, 1996: 187). A esse respeito, Costa comenta que João Ubaldo Ribeiro não fica

preso em sua tradução a uma literalidade medrosa e estéril; por outro lado, parece dominado pela anterioridade de seu próprio texto e, em consequência, como todo tradutor, vai trabalhar de fora para dentro, vale dizer, a partir do texto acabado de sua própria língua 1, ao invés de dentro para fora, como todo criador. [...] Dividido entre os impulsos ancestrais da criação do original e os ditames da tradução como re-escritura, a qual, mandatária por natureza, há de sempre exigir alguma forma de fidelidade aos significantes originais [...] (COSTA, 1996: 185).

De acordo com o exposto acima, justifica-se tanto a escolha do TT para análise no presente artigo como a sua importância para os estudos de tradução, em virtude de tratar-se de um trabalho literário engenhoso, realizado por um tradutor-autor com invejável domínio do par lingüístico envolvido.

## 1. PERSPECTIVA TEÓRICA

Dado que o conceito de estilo tem-se mostrado ainda de difícil definição, esta investigação sobre o estudo do estilo do autotradutor representado no corpus de estudo optou por fundamentar-se na noção fornecida por Baker, que entende:

estilo como uma espécie de impressão digital que fica expressa [no TT] por uma variedade de características lingüísticas [...] as quais estão provavelmente mais no domínio do que algumas vezes é chamado de “estilística forense” que no da estilística literária (LEECH e SHORT, 1981: 14). Tradicionalmente, a estilística literária focaliza

o que se assume serem escolhas lingüísticas conscientes da parte do autor, porque os estilistas literários estão principalmente interessados na relação entre as características lingüísticas e a função artística, em como um dado autor obtém certos efeitos artísticos. Por outro lado, a estilística forense tende a focalizar hábitos lingüísticos razoavelmente sutis e moderados que estão bem acima do controle consciente do autor e que nós, como receptores, registramos, na maioria das vezes, de forma subliminar. Todavia, como ambos os ramos da estilística, estou interessada em padrões de escolha (quer essas escolhas sejam conscientes ou subconscientes) mais do que em escolhas individuais isoladas. (BAKER, 2000: 245-6)

Com o propósito de observar padrões de escolha estilística do autotradutor selecionado para análise, o termo "estilo" é definido no âmbito deste estudo como o perfil de seus hábitos lingüísticos individuais, recorrentes, preferenciais e distintivos, referentes à variação e diversidade de vocabulário. Dentre as diferentes concepções de estilo oferecidas pela literatura e pela lingüística, proponho, com base em Baker (2000), esta noção de estilo focalizada em padrões de variação lexical empregados pelo tradutor por mostrar-se a mais adequada às necessidades do presente trabalho.

Com referência à linguagem do TT, a utilização de corpora eletrônicos paralelos ou comparáveis possibilita maior amplitude e funcionalidade para estudos da natureza da tradução. Investigações realizadas no Centre for Translation and Intercultural Studies - CTIS têm detectado certas características recorrentes (Baker, 1996: 180-184) que se apresentam tipicamente na tradução. Um dos traços que mais especificamente se relacionam com este trabalho é a normalização (Baker, *ibidem*), que pode ser identificada como uma tendência para exagerar características da língua meta (LM) e para adequar-se aos seus padrões típicos. Pode ser observada tanto no nível de palavras individuais ou de colocações<sup>2</sup> (normalização lexical), como na pontuação, e no uso de clichês e estruturas gramaticais convencionais nos TTs. Frases longas e elaboradas bem como elementos redundantes, utilizados nos texto originais (TOs), são substituídos por colocações menores, e as redundâncias são, muitas vezes, omitidas. Também as sentenças não terminadas nos TOs são freqüentemente completadas nos TTs. Outrossim, o ritmo da LM torna-se, em geral, mais fluente, uma vez que aspectos incomuns de pontuação existentes na língua fonte (LF) são padronizados, de modo a adaptarem-se a aspectos mais comuns da LM. Kenny (2001: 66) compartilha a visão de Baker, ao apontar que os tradutores optam por soluções mais convencionais relacionadas à linguagem não usual presentes nas traduções. Também Berber Sardinha (2002: 18) comenta que, na normalização, há uma minimização dos aspectos criativos ou menos comuns da LF. O exame de escolhas

lexicais na LF e a comparação com opções dos tradutores na LM podem revelar aspectos de normalização se indicarem, por exemplo, que as escolhas mais criativas no TO foram traduzidas por outras menos marcadas no TT (Berber Sardinha, 2002: 18). Essa tendência, de acordo com Baker (1996: 183), seria possivelmente influenciada pelo status da LF e da LM, dado que, quanto mais alto for o status da LF, menor seria a tendência à normalização.

Por sua vez, elementos culturais que retratem realidades específicas do universo da LF, considerados como marcadores culturais (MCs), mostram-se, muitas vezes de difícil delimitação. A esse respeito, Aubert explica que:

o marcador cultural não é perceptível na expressão lingüística tomada em isolamento, nem se encontra confinado dentro do seu universo discursivo original. O marcador cultural somente se torna visível (e, portanto, se atualiza) se esse discurso original (a) incorporar em si uma diferenciação ou (b) for colocado em uma situação que faça sobressair a diferenciação (AUBERT, 2006).

Para um melhor exame de soluções encontradas por Ubaldo Ribeiro para a tradução de MCs, optamos pela proposta de domínios culturais de Nida (1945), bem como pela reformulação das definições dos domínios culturais sugeridas por Aubert (1981, 2006) por apresentarem-se mais precisas para a classificação. Para Aubert, os domínios culturais compreendem:

- domínio ecológico: vocábulos designando seres, objetos e eventos da natureza, em ~~estado natural ou a~~ aproveitados pelo homem, desde que o conteúdo intrínseco do vocábulo não implique em que seja ser, objeto ou evento que tenha sofrido alteração pela ação voluntária do homem. Ex.: aipim, arraial, araquá, baiacu, acácia, baleote, etc.<sup>3</sup>
- domínio material: vocábulos designando objetos criados ou transformados pela mão ~~do homem, ou~~ atividades humanas. Ex.: arpão, atabaque, acaçá, canjica, etc.
- domínio social: vocábulos que designam o próprio homem, suas classes, funções ~~sociais e~~ profissionais, origens, relações hierárquicas, bem como as atividades e eventos que estabelecem, mantêm ou transformam estas relações, inclusive atividades lingüísticas. Ex.: barão, loiô, laiá, nego, caboco, capangas, afoxés, etc.
- domínio ideológico: que designam crenças, sistemas mitológicos, e as entidades ~~espirituais que fazem~~ parte desses sistemas, bem como as atividades e eventos gerados por tais entidades: Ex.: benzedura, terreiro, Mãe de Santo, Oxóssi, Xangô,

lansã, Oxalá, etc.

Dependendo do contexto em que aparecem, os marcadores podem pertencer a um ou mais domínios, já que alguns deles podem ter várias conotações diferentes, como é o caso de “capoeira”, que pode estar relacionado ora ao domínio ecológico (vegetação, mata), ora ao domínio material (arte ou sistema de lutas dos capoeiristas, ou negros africanos).

## 2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise do perfil estilístico do tradutor em questão, serão identificados, primeiramente, usos característicos e individuais referentes a traços de seu comportamento lingüístico relacionados à normalização, efetuando comparações na obra traduzida em relação à respectiva obra original; a seguir, serão apresentados alguns marcadores mais recorrentes por domínio cultural encontrados no TO e as soluções adotadas para a sua tradução na língua inglesa.

### 2.1. *EXAME DE ALGUNS ASPECTOS DE NORMALIZAÇÃO*

Essa característica da linguagem da tradução mostra uma tendência tanto para facilitar a assimilação do conteúdo do TO para o leitor da LM como para evitar riscos de a obra poder ser rejeitada pelo público alvo diante das dificuldades de compreensão do TT.

Também, traços de normalização podem ser observados em decorrência de pressão de editoras em querer traduções com uma linguagem padrão, sem regionalismos e diferenças lingüísticas para que a obra traduzida possa ser comercializada em vários países ou comunidades da mesma língua de chegada (PAVAN RIBEIRO, 2006).

Conforme Scott (1998: 138-197), há várias características principais identificadoras do padrão de normalização nos TTs. Para este trabalho, procuramos observar características referentes e ao comprimento de sentença do TT em relação ao TO, decorrentes de três fatores: emprego de verbos auxiliares, alterações na pontuação, e explicitação de elipses.

Com referência ao **comprimento das sentenças do TT** em relação ao TO, as estruturas da língua portuguesa apresentam-se, geralmente, mais longas que

as da língua inglesa, o que levaria a supor que, na tradução entre esses pares de línguas, o texto em inglês seria mais curto. No entanto, o TT tende, independentemente do par lingüístico envolvido, a ser mais extenso do que o TO devido a inserções de apostos, conjunções e locuções explicativas, orações adjetivas (BAKER, 1996). Em virtude do **uso de perífrases ou locuções verbais**, podem aparecer sentenças mais longas no TT em inglês em relação ao TO em português. No exemplo abaixo, o TT apresenta-se com seis palavras a mais do que o TO, devido, em grande parte, à tradução da locução verbal (verbo auxiliar mais verbo na forma nominal do infinitivo) “vão pescar” por meio do emprego da perífrase verbal *were going out to catch*, em:

[VPB, p.74, 40 palavras] Isso no desmancho da baleia, na pesca tem outras. O padre vem todo revestido benzer as lanchas que **vão pescar** a baleia, três lanchas sempre, poucas vezes quatro, não era chalupas, que essas chalupas hoje é como vaso de guerra.

[IM, p.50, 46 palavras] *This was during the flensing trip, there were others. The priest came all vested up to bless the dories that **were going out to catch** the whales, always three dories, once in a while four, they were not whaleboats like today's, today's whaleboats are like warships.*

Com relação à obra literária, podem ocorrer **mudanças na pontuação**. De acordo com Larbaud, “em poesia e em prosa literária, esses sinais, tanto quanto as palavras, estão submetidos ao arbítrio do escritor, e existe uma pontuação literária ao lado da pontuação corrente, assim como existe uma língua literária ao lado da linguagem escrita corrente” (LARBAUD, 2001: 225). A obra original apresenta parágrafos extensos, formados, em sua maioria, por sentenças de comprimento médio ou longo, com grande utilização de vírgula, ponto-e-vírgula e travessão. Esse uso da pontuação contribui para o fluxo do desenvolvimento da narrativa. O autotradutor procura seguir a pontuação do TO, não recorrendo a quebras de parágrafos; no entanto, o TT também apresenta as sentenças dos diálogos, algumas vezes, mais curtas pelo uso do ponto final ou do ponto-e-vírgula, provavelmente procurando tornar a leitura mais fácil para o leitor da LC. No segmento do TT, abaixo, podemos notar o uso de uma pontuação mais “forte”, além do habitual emprego de aspas para os diálogos escritos em língua inglesa:

[VPB, p. 227] “ Pois é ” pensou Amleto, deixando à varanda para ir tomar café ”, a verdade é que estou em paz com minha consciência, nunca fiz mal a ninguém, sou um homem prestante.

[IM, p. 166] “*That's right,*” Amleto thought, leaving the porch to go have his break-

*fast. "The truth is I am at peace with my conscience. I never did anyone any harm; I am a worthy man."*

Quanto a **explicitações de elipses**, ocorrem quando elementos implícitos no TO, devido a citações anteriores ou subentendidas pelo contexto, tornam-se explícitas no TT, a fim evitar estranhamento ou facilitar compreensão do TT. Geralmente as explicitações de elipses contribuem de modo significativo para aumentar o comprimento das sentenças do TT. Podemos observar a explicitação de duas elipses no fragmento abaixo:

[VPB, p.78, 38 palavras] - Furria só se for que nem a minha, que fui furriada de promessa e as pernas já mal andava, depois de criar no peito quase que toda a família, do bisavô ao bisneto, na Armação e no Engenho.

[JM, p.54, 47 palavras] *"Only if it is like my mancipation. I was mancipated because of a promise to a saint, and my legs could hardly walk after raising on my breast almost the whole family of the baron from great-grandfather to great-grandson, at the fishery and at the sugar mill."*

## 2.2. EXAME DE ALGUNS MARCADORES CULTURAIS

Em virtude de *Viva o Povo Brasileiro* conter acentuada quantidade de MCs de determinada realidade extralingüística, a da Bahia, a sua tradução *An Invincible Memory* permite o exame de escolhas do autotradutor, João Ubaldo Ribeiro, ao transpor e transformar esses marcadores para o contexto da língua e cultura de chegada (CAMARGO; PAVAN RIBEIRO, 2004). Boa parte dos MCs presentes no TO encontram-se dicionarizados, podendo ser localizados sob a denominação de regionalismo, folclore ou brasileiro. Devido a restrições de espaço para o presente artigo, foram selecionados apenas MCs com alta frequência e que ocorressem com dois ou mais colocados, a fim de serem examinados em relação aos quatro domínios culturais.

As atividades humanas, a diversidade culinária, a criação de objetos e instrumentos utilizados pelos personagens são o foco do **domínio material**. Foram encontrados, por exemplo: "pirão"/*mush e bread* (adaptação), referentes à culinária; "tamborete"/*stool* (tradução literal), que designam um banquinho feito de madeira; "araçanga"/*araçanga* (empréstimo), que é uma vara utilizada por jangadeiros para matar os peixes já pescados; "trinchete"/*blade* (adaptação), para se referirem a uma faca pequena e pontuda. O marcador "cachaça" é traduzido por meio de diferentes



modalidades, como o empréstimo acompanhado de itálico: *cachaça*, adaptações: *rum*, *sugarcane rum*, *firewater*, *liquour*, *sugarcane liquor*; modulação: *booze*, e omissão, evidenciando as dificuldades do tradutor com a densidade do marcador em questão, no momento de passar sua carga semântica para o TT.

Com relação ao colocado: “copinho de cachaça”, foram utilizadas traduções literais com adaptação para as opções: *glass of firewater*, *shot glass of sugarcane liquor*, e *shot glass of sugarcane rum*; também o mesmo procedimento tradutório foi adotado para “quartinha de cachaça” em: *jug of rum*, conforme mostram os excertos abaixo:

[VPB, p. 660] Não ia ficar ali no bar, sentado com o terceiro **copinho de cachaça**, esperando o desfile escolar.

[IM, p. 464] *He wasn't going to stay in the bar, sitting with his third **glass of firewater**, waiting for the school parade.*

[VPB, p. 660] Eu sei – disse Stalin José, levantando-se para pegar um **copinho de cachaça** no bar.

[IM, p. 464] *“I know,” Stalin José said, rising to get a **shot glass of sugarcane liquor** in the bar.*

[VPB, p. 665] Segurando o quarto **copinho de cachaça**, Stalin José caminhou até a esquina da Rua Direita [...]

[IM, p. 467] *Holding his fourth **shot glass of sugarcane rum**, Stalin José walked to the corner of Straight Street [...]*

[VPB, p. 511] Não, é que ela bebeu quase uma **quartinha de cachaça**, a julgar pelo resto que ainda ficou na encruzilhada.

[IM, p. 363] *No, it's just that she's drunk nearly a whole **jug of rum**, to judge from what she left at the crossing.*

Relacionado ao **domínio social**, foi encontrado, com grande recorrência, o marcador “caboco”/*caboco*, que está impregnado de significados, alguns por retomarem um dado período histórico, referente a “índio” durante a colonização; outros por terem sido adaptados a novos contextos, como o de “caipira”. Por essa razão, mesmo na LE, o marcador pode levar a ambigüidades na leitura da obra. Como exemplo de colocados que coocorrem com esse marcador, foram encontrados: “cabeça do caboco Capiroba”/*caboco Capiroba's head*, e “língua de caboco”/*caboco language*, os quais foram traduzidos por meio de empréstimos<sup>4</sup> e de transposições:

[VPB, p.30] Assim, não se pode alegar que os padres só obtiveram êxitos, mas conseguiram bastante de útil e proveitoso, apesar de tudo isso haver piorado os sofrimentos da **cabeça do caboco Capiroba**.

[IM, p. 20] *Thus it cannot be alleged that the priests were successful in every respect, but they accomplished much that was useful and advantageous, although it worsened the suffering of **caboco Capiroba's head**.*

[VPB, p. 146] [...] gritou Inácia, levantando-se e falando **língua de caboco** muito perto do rosto dele, que curvou a cabeça para trás.

[VPB, p. 107] *Inácia shouted, rising and speaking **caboco language** very close to his face, and he moved his head back.*

Referentes ao **domínio ideológico**, os MCs são mais facilmente observáveis nas descrições de festas e cultos religiosos, nas invocações de santos e orixás, e nos discursos de diferentes grupos sócio-econômicos. A mistura de religiões específicas do Brasil pode trazer desafios para o tradutor de textos que contenham substancial quantidade de marcadores lingüísticos culturais, para os quais, provavelmente, não se encontrariam correspondentes satisfatórios na LM. Os nomes de orixás são traduzidos por meio de decalques, aproximando-os dos fonemas e grafemas da LM, como: *Oxóssi, Xangô, Oxalá e Exu*, respectivamente traduzidos por: *Oshosse, Shango, Oshallah e Eshoo*.

Por sua vez, são traduzidas por decalque, traduções literais e algumas transposições as seqüências: “lansã, senhora dos ventos e das tempestades” e “irmã lansã, rainha dos ventos e das tempestades”, conforme excerto abaixo:

[VPB, p. 459] - Ê-parrê, **lansã, senhora dos ventos e das tempestades**, rainha dos espíritos, valente e ousada como os tufões, de bravura irresistível, eu te saúdo! [...] Venho, pois, pedir-te que viajes comigo para lutar nesse lugar chamado Tuiuti, para que as armas, com tua ajuda, não nos sejam adversas, minha grande **irmã lansã, rainha dos ventos e das tempestades**, senhora dos espíritos, temível na refrega!

[IM, p. 328] *“Eppa-heh, **Yansan, mistress of winds and storms, queen of spirits, plucky and bold like a typhoon, of irresistible courage, I salute you!** [...] So I have come to ask you to travel with me to fight in this place called Tuiuti, so that with your help the outcome will not be adverse to us, my great **sister Yansan, queen of winds and storms, mistress of spirits, awe-inspiring in war**”*

Os MCs distribuídos no **domínio ecológico** referem-se ao meio geográfico, com as respectivas características físicas e climáticas, bem como à flora e à fauna. Como exemplo, podemos citar: “cacharréo”, “baleote”, “madríjo” e “seguilote”, traduzidos por meio de empréstimos seguidos de explicitações:

[VPB, p. 65] A pesca da baleia tem o **cacharréo**, que é o macho, o **madríjo**, que é a fêmea, o **baleote**, que é a cria mamona, o **seguilote**, que vai junto da mãe mas já mistura a mama com comida, e o meio-peixe, que é o peixe novo que ainda [ia crescer] antes da arpoação.

[IM, p. 46] *Whale fishing has the **cacharréo** which is male, the **madríjo** which is female, the **baleote** which is the suckling, the **seguilote** which goes alongside its mother but already eat food, besides milk, and the half-fish, which is the young fish that [would grow big] if it was not harpooned.*

[VPB, p. 23] **Pirapuama** queria dizer baleia, na língua dos bugres.

[IM, p. 15] **Pirapuama** means “whale” in the language of the savages.

Ainda aparecem MCs que podem ser distribuídos entre **dois domínios culturais**, evidenciando que o ambiente físico e suas características influenciam o meio social. Muitos dos antropônimos e topônimos mais freqüentes, como por exemplo: “Barão de Pirapuama, Baía de Todos os Santos” são, na verdade, derivados de nomes de animais, divindades, santos, entre outros.

No caso de “baiacu”, o marcador, na obra, refere-se tanto a um tipo de peixe da região baiana no domínio ecológico, como a um topônimo no domínio material. Na acepção de peixe, é traduzido por: tradução literal mais explicitação em *puffer fish*, por implicação por meio do pronome *it*, ou pelo hiperônimo *fish*. Quanto ao colocado “escaldado de baiacu”, o autotradutor optou pela transposição com modulação: *puffer fish stew*, como mostram os fragmentos abaixo:

[VPB, p. 614] - Mas que lindo **escaldado de baiacu** borbulha no caçarolão de barro, minha gente!

[IM, p. 433] *“Folks, what a beautiful **puffer fish stew** is a bubbling in the big clay pan!”*

Por sua vez, no TT o topônimo é traduzido, respectivamente, por empréstimo grafado com letra maiúscula, e por transposição com adaptação mais acréscimo, em:

[VPB, p. 317] Dafé lembrou que, se Vô Leléu estivesse no **Baiacu** e não na Bahia resolvendo negócios, [...]

[IM, p. 230] *Dafé remembered that if Grandpa Leléu were in **Baiacu** instead of on a business trip to Bahia, [...]*

[VPB, p. 317] Arraial do Baiacu, 12 de maio de 1841.

[IM, p. 229] Puffer Fish Village, Itaparica, May 12, 1841.

De acordo com o exposto, a distribuição de marcadores por domínios culturais reflete temas e subtemas desenvolvidos na obra, tendo-se evidenciando a predominância do domínio material, seguido pelo domínio social, depois pelo domínio ideológico e, por último, pelo domínio ecológico. Ainda que apresentando a menor incidência de MCs, o domínio ecológico mostrou-se bastante representativo dentro da obra por refletir espaços físicos diversos, os quais apresentam transformações ao longo do tempo narrado.

#### À GUIA DE CONCLUSÃO

Com relação aos MCs analisados, pudemos perceber que o tradutor procura transmitir, para o leitor da LM, os significados por eles expressos no TO, recorrendo a um elevado emprego da tradução literal, seguido do empréstimo. Em alguns pontos, o trabalho do tradutor mostra-se mais fácil em razão de haver apostos ou explicações dos MCs já na obra original, provavelmente devido à caracterização do espaço abranger especificamente a região baiana e conter marcadores com significados pouco claros mesmo para um leitor de outras regiões brasileiras, como no exemplo mencionado acima referente aos empréstimos para “cacharréo”, “baleote”, “madríjo” e “seguilote”, acompanhados de explicitações. Contudo, encontram-se, também, marcadores que não apresentam correspondência na LM e não estão explicitados no TO, tornando mais difícil a sua tradução. Para essas ocorrências, o autotradutor optou por diferentes procedimentos, entre eles o uso de adaptações, modulações, empréstimos, decalques, omissões, como no caso de “cachaça”, “caboco”, e “lansã”, numa tentativa de recuperar o significado desses MCs no TT.

Entendendo que os MCs mais recorrentes distribuídos por domínios culturais evidenciam a temática da obra, as observações efetuadas parecem confirmar a opinião dos críticos literários e do próprio autor sobre a forte presença do homem dentro de um espaço geográfico e de um contexto sócio-cultural específicos, retratados em *Viva o Povo Brasileiro*.

Observando os resultados obtidos, pudemos verificar que o autotradutor, ao mesmo tempo em que procura tornar a linguagem do seu TT mais fluente para o

leitor de língua inglesa, também procura preservar o seu TO. Mesmo os casos de MCs traduzidos por meio de estratégias mais criativas e que privilegiam o texto da LM, por meio do emprego da modulação e da adaptação, ocorre, em geral, uma tentativa de resgatar o marcador original. Um comportamento análogo pode ser observado quanto a aspectos de normalização. Embora o tradutor procure estar próximo do original, evidencia-se uma tendência que pode ser identificada como traços característicos de normalização por meio do emprego de pontuação mais forte, omissões e explicitação de elipses.

No que concerne ao estilo de Ubaldo Ribeiro em termos de diversidade lexical, o autor emprega expressões populares de toda extração, notadamente as do afro-brasileiro. Para contrastar, na paródia, o virtuosismo retórico à linguagem oral, utiliza uma gama de variações lexicais no TO que poderia influenciar o padrão estilístico do TT. Todavia, a sua autotradução, conforme observado acima e também nas investigações desenvolvidas por Camargo (2005, no prelo), mostra uma variação menor do que o original. Devido à sua conhecida proficiência na língua inglesa, os resultados poderiam levar à suposição de que os desafios durante o processo de recriação do TT enfrentados como tradutor-autor poderiam ter sido eventualmente maiores do que aqueles durante o processo anterior de criação do TO como autor. Outra hipótese seria a de que, enquanto participante como tradutor de si mesmo, recorreria a um padrão estilístico próprio, distintivo e preferencial, o qual seria, consciente ou inconscientemente, menos variado do que na situação de participante como autor, em que se valeria de um padrão de estilo de maior extensão vocabular.

#### NOTAS

<sup>1</sup> A autora agradece o apoio recebido do CNPq (PQ 304355/2011-9) e da Fundação Araucária (35638). E-mail: divaccamargo@gmail.com

<sup>2</sup> “Colocação: associação entre itens lexicais ou entre o léxico e campos semânticos” (BERBER SARDINHA, 2004: 40).

<sup>3</sup> Todos os marcadores lingüísticos de especificidades culturais aqui exemplificados foram extraídos de *Viva o Povo Brasileiro*.

<sup>4</sup> Para uma definição das modalidades tradutórias, queira ver Aubert (1998) ou Camargo (1993).

#### REFERÊNCIAS

AUBERT, FH. *A tradução do intraduzível*. São Paulo: FFLCH, USP, 1981.

\_\_\_\_\_. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, v. 5, n. 1, p.99-128, 1998.

\_\_\_\_\_. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. *Revista de Estudos Orientais*,

v. 5, p. 23-36, 2006.

BAKER, M. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Ed.). *Text and technology*: in honour of John Sinclair. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 233-250.

\_\_\_\_\_. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.

\_\_\_\_\_. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead In: SOMERS, H. (Ed.). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering*: in honour of Juan C. Sager. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 175-186.

\_\_\_\_\_. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*. v. 12, n. 2, p. 241-266, 2000.

BERBER SARDINHA, A. P. Corpora eletrônicos na pesquisa em tradução. *Cadernos de tradução*, v. 9, n. 1, p. 15-60, 2002.

\_\_\_\_\_. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

CAMARGO, D. C. *Contribuição para uma tipologia da tradução*: as

modalidades de tradução no texto literário. 1993. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – FFLCH, USP, São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. *Padrões de Estilo de Tradutores*: um estudo de semelhanças e diferenças em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas. 2005. 512 f. Tese (Livre-Docência em Estudos da Tradução) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

\_\_\_\_\_. Metodologia da pesquisa em tradução e lingüística de corpus. São Paulo: Cultura dêmica; São José do Rio Preto: Laboratório Editorial do IBILCE, UNESP, 2007. 65 p., Coleção Brochuras.

\_\_\_\_\_. Diferenças estilísticas entre o autor e o auto-tradutor em *Viva o Povo Brasileiro* e *An Invincible Memory*. *Estudos Lingüísticos*, v. 37, p. 1-9, no prelo.

CAMARGO, D. C.; PAVAN RIBEIRO, E. L. Um estudo de aspectos lingüísticos-culturais da obra traduzida *An Invincible Memory*. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO (CIATI), 3., 2004, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Centro Universitário Ibero-Americano, 2004, v.1, p.1 – 9.

CAMARGO, D. C.; PAVAN RIBEIRO, E. L. Um estudo de tradução baseado em corpus da obra traduzida *An Invincible Memory* de João Ubaldo Ribeiro. *Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP/GEL, 2005, v. 34, p. 1355 – 1360, 2005.

COSTA, L. A. João Ubaldo Ribeiro, tradutor de si mesmo. In: ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, 5., 1994, Salvador. *Anais...* São Paulo: Humanitas, 1996, p. 181-190.

*Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, versão 1.0, 2001.

HERMANS, T. The translator's voice in translated narrative. *Target*, v. 8, n. 1, p. 23-48, 1996.

KENNY, D. *Lexis and creativity in translation: a corpus-based study*. Manchester: St. Jerome, 2001.

LARBAUD, V. *Sob a invocação de São Jerônimo*. Trad. Joana Angélica. São Paulo: Mandarim, 2001.

LEECH, G.; SHORT, M. H. *Style in fiction: A linguistic introduction to English fictional prose*. Harlow: Longman, 1981.

MILTON, J. Translation Latin America. In: MARTINS, M.A.P. (org.). *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p.15-34.

NIDA, E. Linguistic and Ethnology in Translation Problems. *Word*, v. 1, n. 2, 1945, p. 194-208.

PASTA JÚNIOR, J.A. Prodígios de ambivalência: notas sobre João Ubaldo Ribeiro. *Novos Estudos CEBRAP* 64. São Paulo: USP/FFLCH – LE, 2002, p. 61-71.

PAVAN RIBEIRO, E. L. *Um estudo de marcadores culturais da obra traduzida An Invincible Memory pelo autotradutor João Ubaldo Ribeiro*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

UBALDO RIBEIRO, J. *Sargento Getúlio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971; Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

\_\_\_\_\_. *Sargeant Getulio*. Tradução João Ubaldo Ribeiro. Boston: Houghton Mifflin, 1978.

\_\_\_\_\_. *Vila Real*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

\_\_\_\_\_. *Viva o Povo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 673 p.

\_\_\_\_\_. *An Invincible Memory*: Tradução João Ubaldo Ribeiro. England: Faber and Faber, 1989; New York: Harpercollins, 1991. 504 p.

\_\_\_\_\_. A vida é um eterno amanhã. 1990. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/cads/34/joao2.htm>>. Acesso em: jun./2008.

\_\_\_\_\_. SCOTT, M. N. *Normalization and readers' expectations: a study of literary translation with reference to Lispector's A Hora da Estrela*. 1998. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – University of Liverpool. Liverpool. 1998.

VENUTI, L. *The translator's invisibility*. London/New York: Routledge. 1995.

\_\_\_\_\_. *The scandals of translation*. London/New York: Routledge, 1998.